

## O VAZIO DAS ALMAS



*In memoriam de Márcio Ricardo de Carvalho (1980-2013)*

*“Encarar a vida pela frente... Sempre...  
Encarar a vida pela frente, e vê-la como ela é...  
Por fim, entendê-la e amá-la pelo que ela é...  
E depois deixá-la seguir...  
Sempre os anos entre nós, sempre os anos...  
Sempre o amor... sempre a razão... sempre o tempo...  
Sempre... as horas”  
Virginia Woolf*

Quando a vida de quem amamos se esvai, fica um vazio, uma dor e a angústia de perceber o quanto a vida é frágil. Percebemos a fragilidade da vida diante da morte. A morte precoce, acidental e trágica nos impõe a realidade da vida. A tudo isso, nos indignamos, nos horrorizamos e amarguramos a nossa existência e a não existência daqueles que se foram. Em contradição a toda tristeza da partida, nos conscientizamos de que o amor, a solidariedade e a doçura dos gestos são mais válidos que nossas misérias humanas. Assim, a vida nos obriga a prosseguir, seguimos em frente e passamos a ver o mundo, as pessoas e as coisas de um novo ângulo. O que estranhamente, sempre é assustador, posto que diante da morte sempre buscamos o melhor da humanidade em nós, nos queremos melhores, melhores amigos, melhores amantes, melhores companheiros, melhores pais, melhores em tudo que já nos esforçávamos em sermos bons. Passamos a dedilhar os detalhes e a apreciá-los com a fortuna que devem ser percebidos...

Entretanto, nestes dias tristes, incertos e atordoantes, não sinto vazio, dor ou angústia. Muito menos, me quero melhor. Sinto apenas o silenciar das almas... Sinto

que todas as almas vibrantes e lutadoras dos amigos da Academia e do Movimento Estudantil se silenciaram. Como se o grito sórdido da desigualdade social e da intolerância tivesse amordaçado os espíritos livres e nos obrigado a sucumbir a dor pela qual lutamos tanto para finalizar.

Inaceitável? Sim. Inaceitável perdê-lo para a intolerância. Inaceitável que o mundo perdesse a oportunidade de ver o seu brilhantismo e sua força. Inaceitável que a truculência de uns poucos que se acreditam “deuses da academia”, que se acreditam tão brilhantes e se reivindicam defensores dos direitos democráticos não compreendam o jogo político e tenham condenado alguém ao desespero de ver seus sonhos e planos derrotados. Inaceitável que o desespero o tenha corroído, posto que sua racionalização sobre o mundo sempre tenha sido a sua marca. Marca que, aliás, incomodava, irritava e nos colocava em movimento contínuo de reflexão. Inaceitável que não haverão estudantes e tantos outros amigos que o terão como mestre, a aprender com as suas ironias, sarcasmos e análises, como eu e tantos outros tivemos a oportunidade de tê-lo.

Incompreensível? Não. Absolutamente compreensível e racionalizável. Afinal o princípio que nos guia é o de que os homens constroem a história, mas não da maneira como querem, pois esbarram nas implicações históricas. Vivemos tempos insólitos. Tempos de desespero. É o desespero que me faz compreender. Desesperar, literalmente é deixar de ter esperanças, é parar de esperar. Somos todos desesperados com o mundo do capital, que avalia cada ser não em sua integridade humana, mas o avalia de maneira utilitária. Pessoas são tratadas como coisas, objetos cambiáveis, desvalidos de valor. A luta diária e cotidiana, que todo aquele que se desespera, trava todos os dias de sua vida, é, em geral, perdida por discursos aperfeiçoados ou vulgares, transmitidos a espíritos perdidos que vagam sobre o capitalismo, alienados do mundo que os cerca e de si mesmos. O que fazer? Como mudar o mundo? Como conseguiremos competir? Nossa luta é pelo amor, pela fraternidade e pela solidariedade humana. A paixão e a fé na humanidade nos movimentam. Mas como enfrentar um mundo inteiro articulado em destruir milhares de vidas? Como encontrar saídas amáveis num espaço de hostilização?

Não sei como, mas encontramos. Encontramos alegria e afeto na própria luta que nos derrota diariamente. Levantamos-nos, refletimos e recomeçamos a luta. Certos de que cada passo abre uma brecha de esperança de que uma nova humanidade pode ser construída da atual barbárie. É só assim que podemos ser desesperados amantes empedernidos da história humana, que por um lado é bárbara e por outro é bela.

Entretanto, vivenciar a realidade tal como ela se apresenta, e mais do que ver, enxergar as mazelas da vida, é terrível. É preciso se reconstruir todos os dias. E há dias em que estamos tão cansados da luta inglória, às vezes somos demasiadamente açoitados pelas correntes enferrujadas de uma sociabilidade caduca, que não temos

espaço para a reconstrução. Será isso que o levou de nós? Será que a falta de tempo entre uma chibatada e outra não deixou espaço para o amor, a esperança e a luta?

Jamais saberemos... Para sempre sentiremos... Para sempre... O amor... A luz... A vida... Para sempre Márcio... Para sempre de Carvalho... Para sempre a Luta.

Laura Carolina Ferreira Braga do Carmo

Cientista Social pela Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho

– Faculdade de Filosofia e Ciências/*Campus* de Marília.

